

ALUNO: WERNER SCHRÖR LEBER

**REPOSTAS ÀS QUESTÕES DO CURSO
MÓDULO I: ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: O HOMEM E
SUAS DIMENSÕES**

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO À ANTROPOLOGIA (Atividades avaliativas, p. 20).

Como a pergunta sobre nós mesmos pode nos ajudar a compreender melhor nossa existência? Desenvolva.

RESPOSTA:

É necessário constatar que não há “ser humano” como objeto natural, assim como há árvores e cavalos, por exemplo. Enquanto natureza, o ser humano é só animal (coisa; natureza), mas jamais ser humano em sentido antropológico ou histórico. Também a noção “existência” já é uma conceituação cultural, filosófica e histórica; não é parte na natureza. Foi isso que, em largos passos, Maurice Merleau-Ponty desenvolveu, seguindo as frinchas abertas pela fenomenologia de Husserl.¹ O que queremos dizer quando afirmamos que “não há ser humano”? Expliquemos. Como natureza, o ser humano é só mais um elemento “naturalmente dado” em meio a tantos outros como, por exemplo, os rios, os insetos, as montanhas, os elefantes, os oceanos, as bactérias e, enfim, tudo que há nesse planeta em termos mineral, vegetal e animal. Mas como cultura, como história, como consciência de si, aí sim surge “ser humano”. Mas isso é muito óbvio!!!! Ora, isso não é óbvio, como o senso comum poderia pressupor. O ser humano é construção social, religiosa, cultural a partir de um contexto dentro do qual ele toma consciência de si e dos outros. Reconhecer-se como apto a fazer escolhas, saber que determinadas escolhas fizeram bem e que outras prejudicaram alguém, por exemplo, já identifica de antemão que o ser humano se reconhece como alguém dotado de liberdade de escolha. Não vamos agora discutir se essa escolha é livre de modo absoluto (como querem Aristóteles e Sartre) ou se é apenas situada como querem moralistas como Jeremy Bentham ou os biólogos deterministas, por exemplo. É acertado que o ser humano existe à medida que se diferencia do estado natural (alimentar-se e respirar) e se vê como alguém com capacitações que ele não observa em outros seres vivos: a memória, a construção da linguagem, a comunicação escrita, a elaboração de códigos, vestimentas, moradias, plantações. Tudo que açambarcamos sob a expressão “cultura” forma um rastro que identifica e diferencia o ser humano de todos os outros seres vivos que ele convive. Disso se segue que o ser humano é duplo. Ele é animal natural à medida que precisa da natureza para viver, pois necessita se alimentar e respirar. Mas ele transcende a natureza à medida que sabe se explicar ou se interrogar a respeito de si mesmo e se autodefinir (Sócrates). Nesse sentido, o ser humano é sempre um ser cultural, alguém que se conceitua e se interpreta. Alguém que se define pelas circunstâncias e situações históricas em que vive.

Eis, no entanto, o que a vida moderna tem feito conosco: produzir um afastamento da reflexão. Correria e cegueira de uma épica frenética não combinam com a boa reflexão. A atualidade não é propícia às reflexões filosóficas porque estas se afiguram estar em descompasso com as correrias do cotidiano, conforme o senso comum largamente incrustado nas mentes e corações das pessoas poderia apregoar. Bem sabemos que isso é equivocado. Antes, o oposto disso é verdadeiro. Agora, justamente nessa época acrítica de quase tudo é que é necessário retomar a tarefa da reflexão. No entanto, é notório que as questões da técnica, da operacionalidade, tem-se sobreposto às questões críticas do pensamento.

¹ Separar natureza de cultura e pensamento foi e ainda é uma luta da filosofia. Heidegger, Ponty, Sartre são algumas dessas vozes que seguiram o programa da fenomenologia de Edmund Husserl.

CAPÍTULO II – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: CONCEITO E DIMENSÕES (Atividades Avaliativas, p. 26).

Caro cursista: com base no conceito de cultura e na antropologia cultural, escolha uma cultura típica de algum grupo da sua região e fale sobre ele: características, concepções.

RESPOSTA

Vivo em Joinville, onde é notório a presença de traços culturais trazidos da Suíça e da Alemanha, embora haja ainda muitos outros, como ucranianos, búlgaros, eslavos, poloneses e, é claro, italianos. Tomemos como princípio alemães e suíços, digo, seus descendentes que aqui habitam. O que é evidente nesses grupamentos, nesses descendentes de europeus, é a sua pouca participação em questões políticas. Isso remete à tradição autoritária que trazem desde as suas “origens européias”. É preciso formular a pergunta: “Em que época da história europeia os parentes desses hoje descendentes saíram da Europa”? Temos aí uma chave de leitura e interpretação. Eles (esses descendentes de suíços e alemães) formam certamente os costumes majoritários dessa região, mas não necessariamente se encontram em poder de mando. Ter o cultivo ainda aceso de determinados aspectos culturais dos antepassados, como, apenas por exemplo, a música, o consumo da cerveja, as danças típicas, os jogos de bocha não define necessariamente a ocupação do poder político. Ou então eles têm e mantêm ainda uma outra característica trazida da Europa: submissão a hierarquias. Não sei se isso é uma questão alemã e suíça somente. Pode ser que entre italianos, servos, poloneses se observe o mesmo. Mas a população alemã (seus descendentes) tem uma vocação à obediência e de se submeterem à hierarquia bem mais acentuada que outras etnias. Em Blumenau, assim percebo, isso é tão notório quanto em Joinville. O prefeito é sempre e quase sempre visto como patrão, como um condutor, como um Führer (condutor).² Grande parte do conservadorismo, em minha avaliação, deve-se a visão hierarquizada de valores que formam a cultura europeia. É, em última instância, a visão de autoridade que esteve presente nos principados europeus.³ Se observarmos a população de origem lusitana (açoriana) também com forte presença no contexto, percebe-se que são mais flexíveis e mais rapidamente suscetíveis à incorporação de mudanças que aqueles.

Na mesma linha, com base na antropologia social, fale como se dá a estrutura social da comunidade a qual você pertence: descreva a organização familiar, econômica, política, religiosa e jurídica da cultura a qual você vive.

RESPOSTA:

Tomemos a definição que o texto nos traz e partir dele responderemos a questão. “A antropologia social, estuda os processos culturais. Estuda as estruturas sociais. A condição social dos homens. Em síntese seu interesse, como nos sugere o próprio termo social está centrado na sociedade e nas instituições” (p. 25).

Já apontei acima que a cultura alemã e suíça, via de regra, é avessa a questões sociais participativas. Tem desconfiança em relação a essas questões, apesar de ter, em muitos casos, o domínio econômico das regiões onde estão. Prefere delegar e deixar que outros se exponham. Prefere, no mais das vezes, ser submisso às determinações políticas que participar ativamente de decisões.

² Essa palavra nada tem de nazista. E não está escrito em lugar algum que ela não deva ser utilizada. Führer vem do verbo alemão Führen (conduzir, guiar, ser timoneiro). A língua alemã não pode ser negligenciada por causa do uso indevido e preconceituoso que o nazismo a ela deu.

³ Constitui importante base de reflexão sobre esses problemas a obra de Frederico escrita contra a visão de Maquiavel. Ver, FREDERICO. **O Anti-Maquiavel**. Guimarães (Portugal): Guimarães Editores, 1955.

Há uma questão que chama a atenção. Via de regra, os alemães conservaram melhor a sua língua que os italianos. É comum 3º e até 4º geração de imigrantes ainda terem algum domínio da língua dos “pais”, ao passo que não se observa isso em regiões de italianos que conheço, como por exemplo, Criciúma. Não sei dizer por que. É provável que a religião seja o problema. Quase sempre, italianos são católicos; isso já uma identificação maior, pois o Brasil é desde a chegada de Cabral (se é foi Cabral mesmo que chegou aqui em 1500) um país erigido sob o signo de Vera Cruz e da égide do Papa. Os protestantes, como eram os imigrantes alemães e suíços (pelo menos parte deles), precisavam se afirmar por um outro meio. A manutenção da língua pode ser explicada em função disso.

CAPÍTULO III – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: MOVIMENTOS HISTÓRICOS NA ANTROPOLOGIA (Atividades Avaliativas, p. 35).

Caro estudante: observe a tabela abaixo. Após, preencha com pelo menos três características de cada uma das quatro escolas de antropologia que abordamos até aqui.

Evolucionismo - Vê a cultura humana escalonada, determinada por etapas de desenvolvimentos obrigatórias e necessárias. A evolução descrita por Darwin com pressupostos naturalistas – visão biogeneticista segundo a qual haveria um ponto comum de onde as espécies evoluiriam – tornou-se uma regra social: todas as sociedades passarão necessariamente por etapas idênticas, pois descendem de um ponto cultural comum. A descoberta de um possível núcleo genético (fiscalismo) é transferido para a cultura. Ora, o evolucionismo está alicerçado em aspectos biológicos, mas foi incorporado às ciências sociais. O naturalismo das ciências físicas e suas leis influenciaram a antropologia e a filosofia do século XIX. Se há regras e leis naturais para explicar fisicamente a natureza e suas variações, é também necessário que elas existam para explicar a cultura e as diferenças entre povos de várias regiões do mundo.

Difusionismo – Vejamos essa parte destacada da leitura: “[...] a Escola Difusionista defendia uma postura de particularismo, isto é, cada cultura era o resultado de um conjunto de variáveis que lhe eram específicas e únicas, e portanto, não susceptíveis de serem tomadas em paralelo com outras”. O difusionismo é uma reação ao evolucionismo de Darwin. Não há uma linha contínua e necessária pela qual cada povo ou civilização passará. Há tão somente o aproveitamento de situações, de variáveis que cada grupamento escolhe para si. A cultura se difunde e é aleatória a forma como será aproveitada pelos participantes dela. Não há uma regra naturalista e geneticamente determinante. Isso explica as diferenças culturais e não há atraso cultural ou adiantamento cultural, como quer o evolucionismo, nas sociedades quando comparadas entre si. As diferenças são fruto de escolhas únicas, irrepetíveis de cada situação, e não estágios mais evoluídos ou mais atrasados em relação à uma linha fixa, necessária e determinada da grande corrente de evolução biológica. Cultura e evolução biológica são coisas distintas.

Funcionalismo – Vem da sociologia de Durkheim e da antropologia de Malinowski, e vê a sociedade como um grande arranjo moral baseado na divisão social do trabalho, como se fosse um grande organismo no qual as diferentes profissões e vocações nada mais seriam que peças do grande organismo, bem distribuídas para que este funcione de modo harmônico. Cada indivíduo e cada instituição é tão somente uma peça, uma engrenagem, no todo do grande organismo vivo: a sociedade. Durkheim explica as diferenças culturais por meio da necessidade moral e política necessária para manter a

harmonia e o funcionamento adequado do grande organismo. A harmonia e a coesão social é uma necessidade e para isso é necessário que as instituições exerçam o papel de manutenção cultural das sociedades. A sociedade é formada por diferenças, por diversas classes, que devem funcionar de modo harmônico no grande organismo, a Sociedade. Assim sendo, a divisão social do trabalho, necessária e importante, nada mais é que a parcela que cada trabalhador dá em prol da coletividade. O organicismo tem visões generalistas e universais da cultura. Para Malinowski, portanto, a cultura nada mais é que uma conexão orgânica entre os vários segmentos que lhe formam. Os organicistas rejeitam a noção de história para explicar diferenças culturais. As diferenças se explicam pelas funções que cada instituição tem e como se relaciona e harmoniza suas ações com outras.

Relativismo – Está também contra a tendência evolucionista, mas tem uma linha historicista. Essa seria a corrente majoritária hoje nas ciências humanas. Lembro que há muitos anos atrás, quando ainda estudava teologia em São Leopoldo, Roberto DaMatta havia publicado um livro que fez muito sucesso e chamava-se “Relativizando”. Era, na época, leitura obrigatória para as aulas de antropologia e sociologia. Max Weber é o principal expoente dessa tendência sociológica e que foi incorporado pela antropologia. Peguemos essa passagem: *“Portanto, o relativismo desenvolve a idéia de que cada cultura tem uma história particular e considerava que a difusão de traços culturais acontecia em toda parte. Assim, cada cultura estaria associada à sua própria história. Para compreender a cultura é preciso reconstruir a sua própria história. A cultura condiciona o comportamento psicológico do indivíduo, sua maneira de pensar, a forma como percebe seu entorno e como extrai, acumula e organiza a informação daí proveniente”*. E linhas gerais, o relativismo carrega traços céticos em seus postulados. Não há uma linha verdadeira que explique o homem. Todas as opções serão relativas a situações psicológicas, econômicas, religiosas pelas quais a humanidade passa e pelas opções sempre parciais também do cientista e estudioso. Weber sabe que a ciência (a interpretação) não é neutra. O antropólogo está inserido, está participando do que observa e descreve. Mas ele, antropólogo, sociólogo, etnólogo não é desprovido de conceitos e “preconceitos”. O pesquisador já traz uma visão de mundo (Weltanschauung) consigo. É tão ser histórico quanto a história que está a analisar. O relativismo, desse modo, põe em cheque a visão ingênua de que há uma sociedade a observar, como se houvesse um objeto “totalmente passivo” chamado sociedade. Não...jamais!!! O que há são escolhas que o antropólogo, filósofo e sociólogo faz sobre determinados aspectos que lhe interessam. Os estudos e as escolhas não são neutras, mas relativas à subjetividade de quem está a estudar determinado aspecto. Max Weber chamou a isso de Ação Social.

CAPÍTULO IV – DIMENSÕES DO HOMEM (Atividades Avaliativas, p. 45)

Caro acadêmico, com base nas leituras feitas até aqui, fale qual das três categorias fundamentais do homem lhe chamou a atenção. Depois, diga como no dia-a-dia você utiliza essa categoria, dando exemplos.

RESPOSTA:

Considero a intersubjetividade uma relação elementar e importante, muito embora marcada inevitavelmente por conflitos e silenciamentos. Viver é sempre conviver. Eis um dilema!!! Os diálogos têm duas dimensões: a inter-relação de entendimento e a inter-relação de discordâncias. Reconhecer o equilíbrio ético, que Aristóteles denomina Mediania, me parece o ponto nevrálgico dessa situação. Mas também, é possível ficar sem essas dimensões? Não, pelo menos não em uma sociedade complexa com a nossa. Só se fôssemos animais desprovidos de linguagem e de senso ético. Volto aqui ao que disse na primeira resposta: “não há ser humano como objeto natural” somente. Apenas a natureza não explica o ser humano, muito embora, como frisamos, ele seja

também tão dependente dela (alimento, água, ar) como os demais seres vivos. A tomada de consciência de que nós nos relacionamos é também a tomada de consciência de que existe o “outro”. A intersubjetividade nada mais é, portanto, do que o “eu” e a relação com os “outros”, e que nada mais são do que “eus” diferenciados por conceitos e princípios éticos de mim. Posto que essa relação não é só natural, mas, acima de tudo, socialmente construída, a intersubjetividade é uma relação ampla e complexa de vivência e convivência com outros “eus”. Isso tão complicado quanto inevitável na vivência social. Vou dar um exemplo de como convivo diariamente com essa situação. Como a pergunta exige um posicionamento de como lido com a situação dia-a-dia, vou tomar como referência uma questão ética. Espero que meu exemplo seja entendido. Lido como ela da forma que René Descartes lidou com seus opositores (a tal Moral Provisória), descrita na parte III, do *Discurso do Método*. Sou professor de filosofia e sociologia e também teólogo protestante. Ser formado por um centro protestante de teologia como a Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, onde estudei de 88 a 96 é um *problemão* em uma sociedade cada vez mais piegas e careta. Minha teologia e minha percepção de religião, de Deus e Igreja, é alhures diferente daquela da maioria de meus alunos e colegas de trabalho também. Se o racionalismo é bom ou ruim, deixo aos inteligentes avaliarem. O problema é meu e não das pessoas que comigo convivem. É, porém, notório que, por exemplo, Kant, Hegel, Bultmann, Tillich, Barth, e os católicos Ranner, Küng, Gilson deixaram marcas indeléveis em minha formação. É lógico que isso se dá com todas as pessoas. Cada um é filho de seu tempo e dos valores sócio-culturais que herdou. Isso é bom ou ruim? Já é intersubjetivo avaliar. Somos sempre frutos das heranças que recebemos. Os outros não têm culpa de minhas heranças protestantes, como também não posso culpá-los pelo que são. Seria ridículo, se tivesse tal atitude. O outro é, portanto, não só meu interlocutor, mas também, de certo modo, meu censor. Se eu expressar minha verdadeira visão de teologia, igreja e Deus (não quero dizer que sei mais que eles, mas penso muito diferentemente deles), certamente causarei escândalo. Preciso, portanto, avaliar as situações. Há um preço a ser pago quando nos expusemos. Aqui estou como Nietzsche, sou minoria, e aprendi com ele: “Em casa alheia, se obedece!”. Sei que meus colegas e alunos, embora possam saber muitas outras coisas que eu não sei, pouco sabem de método histórico-crítico das formas, por exemplo. Daí se segue que têm uma visão tipo “senso comum” sobre fé, tradição, religião. Bem, também em sala de aula, onde a questão “religiosa” vez por surge também nos embates filosóficos e sociológicos, é inevitável que surjam divergências. Muitas vezes sei quem são meus alunos (o outro) e me contenho para não provocar discórdias inúteis. Então, o mundo intersubjetivo é também formado por avaliações éticas que valem para o espaço público e para o espaço privado. Nessa relação, o espaço privado seria “o que penso” sobre determinada situação. O espaço público é a dimensão dos “outros eus” que me desafiam a medir minha capacidade de inter-relacionamento em situações complexas. Quero dizer que o outro me dá a dimensão de mim mesmo. Nem tudo que penso, posso externar em qualquer situação. Creio que isso de dê também com os outros em relação a mim. Eu não suportaria ouvir tudo que pensam de mim. A linguagem, intersubjetividade, é mediada pela ética, pela percepção moral do outro. Também não vejo como poderia ser diferente. Uma vez o Heidegger disse uma frase interessante: *die Sprache Spricht* (a linguagem fala). A linguagem, as formas simbólicas de “expressamento” de nossas relações públicas e políticas, são a expressão viva do aspecto intersubjetivo. Maurice Merleau-Ponty falou em uma “ontologia da carne”. Mas deixemos isso para uma outra reflexão.

CAPÍTULO V – ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL: O HOMEM SER SOCIAL POR NATUREZA (Atividades Avaliativas, p. 54).

1. Sobre a dimensão social do homem: na sua concepção, as pessoas na sua região, bairro ou cidade se dão conta de que participam de um meio social e que portanto deve buscar o que é melhor para si e para a sociedade? Desenvolva.

REPOSTA:

Espero que vocês avaliadores me perdoem, mas minha resposta é bem negativa. Talvez, eu os decepcione. Sou uma pessoa suspeita. Professores de filosofia são sempre considerados, via de regra, pedantes e chatos. Pois então que sejam!!! Não estou aqui para agradar e fazer média com ninguém. O critério racional ainda é minha tábua de salvação, que me desculpem os defensores da imbecilidade coletiva. Percebo de modo cabal e insofismável que no contexto onde vivo, uma cidade com mais de 500.000 habitantes, a situação é bem complicada. E o é em cidade bem maiores, como, por exemplo, Curitiba, onde também estudo e também em cidades bem menores que conheço. Morar em condomínio, por exemplo, que é a minha situação, exige posturas éticas bem acentuadas. A convivência e ocupação de espaços coletivos é bem mais intensa que em uma moradia individual, um casa. Claro, em uma casa, a ética também não pode estar ausente, mas um prédio abriga 30 famílias e uma casa, quase sempre, uma só. Mas como exigir posturas coletivas em uma sociedade que só apregoa o individualismo? Aqui está o nosso calcanhar de Aquiles. Estamos diante de paradoxos que, em princípio, se excluem mutuamente. Devemos buscar o que é bom para nós e para os outros. Esse é o equilíbrio que a vida coletiva exige. Volto a Aristóteles; esse equilíbrio ele denominou Mediania – a justa medida entre o excesso e a falta. O egoísmo amplamente difundido pelo individualismo acarreta uma ausência de ética em todas as situações. Peguemos um exemplo corriqueiro: o trânsito em nossas cidades. Vejo que as pessoas, via de regra, só respeitam sinais de trânsito quando uma autoridade está a postos com apito e dedo em riste. Presumo, portanto, que quem age dessa forma na situação mencionada, agiria também do mesmo modo em todas as situações assemelhadas. Quem rouba 10 centavos rouba também 10 milhões. Quem é desonesto nas pequenas coisas o é também grandes. Por que não seria? Quem não é justo nos detalhes, não é justo em nada. Quem não é ético nas pequenas coisas dificilmente o será nas maiores. Quem não é bom professor nos detalhes, não é bom professor em nada; quem não é bom aluno nos detalhes, também não é bom aluno em nada. A coletividade se sustenta por fios tênues, melindrosos, frágeis e que precisam ser respeitados sob pena de se sair da coletividade e se adentrar na imbecilidade e barbárie.

Não deveria ser assim, pois as normas de trânsito nascem da boa educação posto que são introjeções éticas de nossa consciência. Quem não compreende as normas como princípios reguladores dos desejos da maioria, não compreende o que é ser um animal social, ou um “biopolitikós” – um animal político -, no entender de Aristóteles. Mas é isso mesmo que é tão difícil de alcançar. Há muito discurso, no entanto as pessoas, sempre que podem, inflam seu egoísmo e o põe acima do coletivo, o que significa, levar vantagem a custa do quebranto da regra que beneficia a todos.

Avalio, portanto que, excetuadas as exceções, a imbecilidade coletiva, a falta de ética nas relações é resultado de uma sociedade economicamente frenética, em que os resultados estatísticos são mais importantes que as pessoas. Estamos vivendo às avessas do Imperativo de Kant: o ser humano não é mais visto como fim e sim como meio para alcançar determinados objetivos.

2. Sobre a liberdade: será que no Brasil de forma geral o brasileiro tem condições para exercer sua liberdade? Desenvolva.

RESPOSTA:

Mais uma vez me deparo com um questionamento em que, se eu for sincero, minha resposta será mais negativa que positiva.

Há um erro enorme no entendimento do que seja liberdade. Não é possível falar de liberdade onde cultura geral é baixa, por conta da ausência de boa formação em todos os níveis e graus possíveis. Os jovens, sempre avessos a qualquer tolhimento, acham que ser livre significa não ter qualquer impedimento pelo frente. Nada mais tolo!! Não culpemos os jovens somente. Eles são também herdeiros de valores amplamente semeados por todos nós. Herdaram um pressuposto de liberdade que não têm cultura para interpretar. A liberdade só existe à medida que há relações e reciprocidades que precisam ser respeitadas. Eu não seria grosseiro a ponto de dizer que todos os brasileiros são levianos e não usam adequadamente de sua liberdade. É claro que uma percepção assim generaliza e produz injustiças e divulga preconceitos. Pois, bem o sabemos, há muitas pessoas que se comportam dignamente e lutam pelo bom andamento da coisa pública. Porém, assim percebo, são ofuscados por um bom número de pessoas que mais dão vazão a seu egoísmo antes de se preocupar com os outros. E mais, ironicamente muitos desses desrespeitosos, adoram invocar a Lei quando se sentem prejudicados. Poderia-se, aqui, ser bem irônico à moda de Sócrates e perguntar: por que temos de ser tolerantes com os intolerantes? E que direito têm aqueles de invocar o cumprimento de regras quando a situação lhes é adversa, se, em situação inversa, nunca a respeitam? Já presenciei motoristas que falavam ao celular e dirigiam com somente um das mãos gesticularem e rosnarem palavrões a pessoas que atravessavam a rua em locais inadequados. Ora, ambos estão errados, mas só uma das partes se sentiu no direito de reivindicar o local correto do pedestre, enquanto descumpria abertamente uma norma de trânsito. Esse meu exemplo é banal, corriqueiro, e a correria do dia-a-dia nem dá às pessoas a chance de refletir devidamente sobre a implicação coletiva de tal ato. No entanto, assevero vez mais, quem age assim nessa situação, mesmo que banal e corriqueira, agirá seguramente de modo semelhante em situações de maior envergadura. Ser livre não implica ver-me a mim somente, desvinculado de minhas ações. Não liberdade como se fôssemos deuses; se é que há deuses, e livres!

Quero chegar a outro lugar ainda: a democracia. Nós herdamos valores democráticos para os quais, infelizmente, não tivemos e ainda não temos educação. A democracia é um valor europeu, esculpido a duras penas pelas batalhas e tratados que por lá houve. O Brasil é um país com tradição histórica bem diferenciada do da Europa. A democracia pressupõe entendimento de suas regras. Se bem entendo, aqui a liberdade também está mal interpretada. Votar também não é um ato livre desvinculado de compromissos e da respectiva reflexão sobre consequências. O que me importa de modo egoísta em uma eleição, por exemplo, pode não ser bom para a relação ampla, quando surge a pergunta "todos". Liberdade só é boa quando ela pressupõe a benefício da maioria e a minha própria. É uma equação onde o equilíbrio entre essas duas coisas nunca poderá ser negligenciada.